
O efeito devastador de tsunamis, grandes hidrelétricas e outras energias 'limpas'

Na última década, em tempos de mudanças climáticas cada vez mais visíveis, as grandes empresas, bancos e governos falam muito em promover projetos de energia '*limpa*'. São aquelas formas de geração de energia que não são baseadas em combustíveis fósseis.

Diante disso, em vários países estão sendo retomados e ampliados, por exemplo, os projetos de geração de energia nuclear, o que, inevitavelmente, lembra a tragédia que tem ocorrido ao povo japonês, com o qual nos solidarizamos. Os recentes terremoto e tsunami que desencadearam a situação de emergência nuclear no Japão mostram a distância entre a realidade enfrentada pelo povo japonês em relação à usina nuclear de Fukushima e o que de fato seria uma energia limpa.

Paralelamente, os investimentos em uma outra energia considerada '*limpa*' também foram intensificados nos últimos 10 anos. Trata-se da energia gerada pelo represamento de água através das chamadas hidrelétricas. Este boletim dedica-se a esse tema, já que o dia 14 de março é o Dia Internacional de luta contra as barragens, pela Água, pelos Rios e pela Vida. Em seguida, o 22 de março é o Dia Mundial da Água. Mostramos em vários dos artigos desta edição que a nova onda da suposta energia hidrelétrica '*limpa*' é nada mais do que discurso. A situação, na prática, mostra que os impactos negativos continuam presentes nos empreendimentos planejados e em execução.

Algumas questões-chave chamam a atenção. Primeiramente, continua a ênfase em hidrelétricas de larga escala que obviamente resultam em grandes impactos. Um exemplo é a destruição de significativas áreas de floresta nativa. Com isso, as grandes represas continuam sendo uma das causas diretas de desmatamento.

Em segundo lugar, as represas continuam destruindo a vida das famílias ribeirinhas e gerando energia que não beneficia essas pessoas, e sim núcleos urbanos distantes e, sobretudo, indústrias com alto consumo de energia. Por exemplo, na delta do Mekong no Sudeste Asiático, a construção de grandes represas ameaça a segurança alimentar da população, hoje garantida através da livre pesca no rio. Se isso não bastasse, as comunidades ribeirinhas são muitas vezes forçadas a migrar para a cidade, rumo a um futuro incerto. Mas, na visão dos governos, estão tirando as pessoas de uma situação de 'pobreza' rumo a uma situação de 'progresso'. Porém, a prática costuma ser bem diferente: as represas geram mais pobreza e impactos negativos sobre a população, em especial sobre as mulheres, e sobre a natureza.

Em terceiro lugar, a energia hidrelétrica não é nada limpa, se considerarmos o problema das mudanças climáticas. Há diferentes fontes de emissão: as árvores, tanto as que deterioram ao ar livre, quanto as que morrem quando a área da represa é inundada, liberando o gás carbônico (CO₂). Além disso, a vegetação submersa também produz um outro gás estufa, o metano (CH₄), cuja maior parte é liberada pelos vertedouros e turbinas da barragem. Segundo estudos, o CH₄ pode ser 25 a 34 vezes mais impactante para o clima do que o CO₂. Vale ressaltar que este impacto geralmente é negligenciado nos EIAs (Estudos de Impactos Ambientais) sobre as barragens, inclusive no EIA da represa Belo Monte no Brasil.(1) Portanto, é totalmente sem cabimento que sejam permitidos, no

âmbito do Protocolo de Quioto, projetos de venda de créditos de carbono a partir de usinas hidrelétricas através do Mecanismo de 'Desenvolvimento Limpo' (MDL).

Há outros estudos, por exemplo, na China, comprovando que grandes represas podem até causar um chamado estresse sísmico, aumentando o risco de terremotos e tsunamis.

Outra categoria muito citada como energia 'limpa' é a energia gerada a partir dos chamados agrocombustíveis, cuja produção envolve, na maioria das vezes, diferentes monoculturas em larga escala como a soja, a palma de dendê e a cana-de-açúcar, com muitos impactos sociais, econômicos e ambientais, já bastante estudados.

Por fim, a tragédia no Japão tende a se aprofundar ainda mais se houver uma transferência de investimentos em energia nuclear para investimentos em outras energias consideradas mais 'limpas', como monoculturas em larga escala para produzir agrocombustíveis e a construção de mais represas hidrelétricas.

Concluí-se que as energias chamadas de 'limpas' não são limpas quando são produzidas em larga escala e acabam tendo efeitos devastadores de diferentes formas. Acabam se assemelhando aos terremotos e *tsunamis* quando destroem a vida das pessoas. Enquanto isso, elas incrementam os lucros das empresas. Vale ressaltar que grandes barragens, como também a produção de agrocombustíveis em larga escala e a energia nuclear, continuam sendo grandes fontes de lucro para as empresas envolvidas.

A lógica do discurso dos defensores das energias 'limpas' parte do princípio de que necessitamos dessas energias para manter o presente modelo de produção, comercialização e consumo. Fica evidente que esse modelo é social e ambientalmente injusto, ou seja, trata-se de um modelo falido. Ao apostar nesse tipo de energia, erroneamente chamado de 'limpa', sem questionar o atual modelo, nossos governos continuam trabalhando para o enriquecimento das empresas e provocando o sofrimento de milhões de pessoas desta e das próximas gerações, uma vez que os impactos ambientais são profundos.

Na contramão dos defensores desse modelo energético, diferentes iniciativas de pequena escala em nível local e regional para gerar energia tendem a ter mais futuro. Incluem iniciativas controladas por organizações e movimentos sociais, atendendo a necessidades básicas de populações nesses locais sem causar prejuízos que comprometam o futuro dessas populações e da natureza. No entanto, essas iniciativas contam com pouco ou nenhum apoio financeiro, se comparadas às enormes somas de dinheiro que empresas e governos recebem e gastam em energias verdadeiramente sujas.

É preciso mudar estruturalmente nossa matriz energética rumo a um projeto energético popular em que energia e água são consideradas direitos fundamentais. Ou como diz o Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB) no Brasil: Água e Energia não são mercadorias!

(1) Fearnside, Philip. "Hidrelétricas Amazônicas como Emissoras de Gases de Efeito Estufa". Em: Revista Proposta, Ano 35 – No. 122

